

ANA MARIA MAGALHÃES • ISABEL ALÇADA
[ILUSTRAÇÕES DE CARLOS MARQUES]



..... O RISCO ESPREITA,
MAIS VALE JOGAR PELO SEGURO



COLEÇÃO SEGUROS E CIDADANIA



associação
portuguesa de
seguradores **aps**

ANA MARIA MAGALHÃES • ISABEL ALÇADA
[ILUSTRAÇÕES DE CARLOS MARQUES]



..... O RISCO ESPREITA,
MAIS VALE JOGAR PELO SEGURO





Título: O risco espreita, mais vale jogar pelo seguro
Coleção: Seguros e Cidadania
Autoras: Ana Maria Magalhães e Isabel Alçada

Copyright 2013: APS2013

Edição: Associação Portuguesa de Seguradores
Ilustrações: Carlos Marques
Conceção gráfica e paginação: TVM Designers

Impressão: Gráfica Maiadouro
Tiragem: 50 000 exemplares
Depósito Legal n.º 364 065/13
ISBN: 978-972-98847-4-0

1.ª Edição – setembro 2013





Não será exagero dizer que toda a gente conhece o **seguro**. Mais difícil será reconhecer a sua importância.

Há quem diga que o seguro é caro e que não é um produto de primeira necessidade. Em geral isso só acontece até à altura em precisamos de recorrer a ele porque algum azar nos bateu à porta. Há, por isso, quem só venha a conhecer, ou melhor dizendo, a reconhecer a importância do seguro, numa idade já mais adiantada. Há até quem, talvez, nunca chegue a conhecer a importância do seguro. Mas quando conhecemos, apreciamos e julgamos melhor as capacidades deste instrumento único de previdência e de proteção contra os riscos que corremos diariamente.

Por isso, dar a conhecer aos jovens o seguro, e a sua verdadeira utilidade, é bem mais importante do que se pensa. É que, convivendo mais, e mais cedo, com a realidade do seguro os jovens têm mais tempo para pensar como ele os pode ajudar a construir um futuro com menos preocupações. Bem basta as que não podemos evitar.

É, portanto, muito louvável que a Associação Portuguesa de Seguradores tenha decidido levar por diante uma campanha de divulgação do seguro dirigida aos jovens, da qual este livro é uma peça chave. E não poderia ter entregue a sua realização a duas Autoras mais competentes, que há muitos anos escrevem para os jovens histórias que os entusiasmam e os ajudam a encarar a vida melhor. As minhas felicitações à APS. E à Ana Maria Magalhães e à Isabel Alçada, que tão bem sabem comunicar com os mais novos.

E se os jovens de hoje sabem – tão bem ou melhor que muitos adultos – lidar com as tecnologias mais recentes, e tirar delas o maior proveito, designadamente os telemóveis inteligentes, os tablets, as consolas de jogos e os computadores mais sofisticados, porque haveriam de ter qualquer dificuldade em entender o seguro? E não é preciso saber a sua técnica, como não é indispensável saber de que são feitos e como se constroem os aparelhos já referidos. Basta saber para que servem, como funcionam e como podem facilitar, ou animar, as nossas vidas. E nisso, quantas vezes os jovens batem os adultos aos pontos! Além disso, vão ser com certeza alguns dos jovens de hoje que, mais tarde, vão ajudar a fazer do seguro um produto ainda melhor do que ele já é.

E para que a vida tenha menos surpresas desagradáveis, é bom saber quais são os riscos com que convivemos constantemente. Assim podemos evitá-los melhor e saber como lhes fazer frente quando for preciso. E, para isso, o seguro é um instrumento privilegiado, e aplica-se em tantas situações que, às vezes, desconhecemos...

Ora este livro é um guia que ajuda a compreender melhor tudo isto. É esse o seu grande mérito, sobretudo porque explica de modo fácil o que parecem ser situações difíceis. Já disse que as suas Autoras sabem há muitos anos como escrever para os jovens. Só falta agora os jovens descobrirem os riscos e olhar para eles como eles são: os inevitáveis companheiros das nossas vidas desde que o ser humano existe, e com os quais só temos vantagens em saber conviver. Mais vale jogar pelo **seguro!** ■

Ruy de Carvalho





O RISCO E A PROCURA DE SEGURANÇA

A noção de que todas as atividades envolvem riscos é tão antiga como a humanidade. Os homens perceberam desde sempre que arriscar é importante para progredir, mas que a cada passo podiam ter que enfrentar obstáculos ou serem vítimas de acidentes. A experiência levou a imaginar perigos futuros e a ir encontrando formas de os evitar ou de compensar prejuízos.

Viver em grupo ou viajar em grupo, por exemplo, foram maneiras das pessoas se protegerem ou de se ajudarem mutuamente quando necessário. Aquilo a que se chama mutualismo consiste precisamente no compromisso entre vários elementos de um grupo para valerem a quem precisar de apoio.

Estas formas de entreaajuda, ou mutualismo, conduziram à invenção do seguro moderno e têm uma longa história que começou no tempo das cavernas.

Nos nossos dias, uma maneira excelente de enfrentar o risco é fazer um seguro. ■

O TEMPO DAS CAVERNAS PERÍODO PALEOLÍTICO

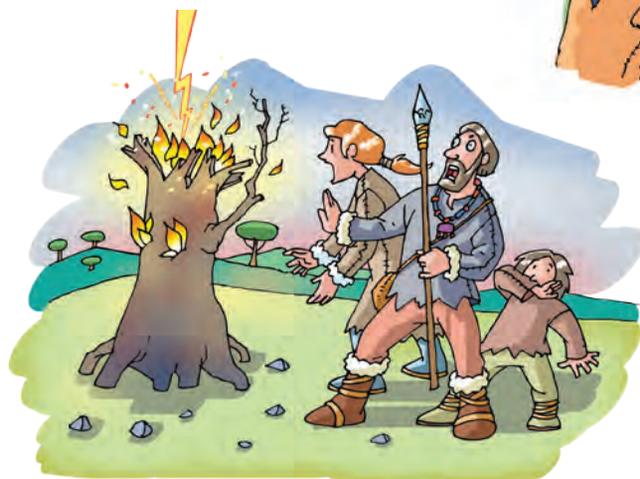
OS RISCOS E A MANEIRA DE OS EVITAR

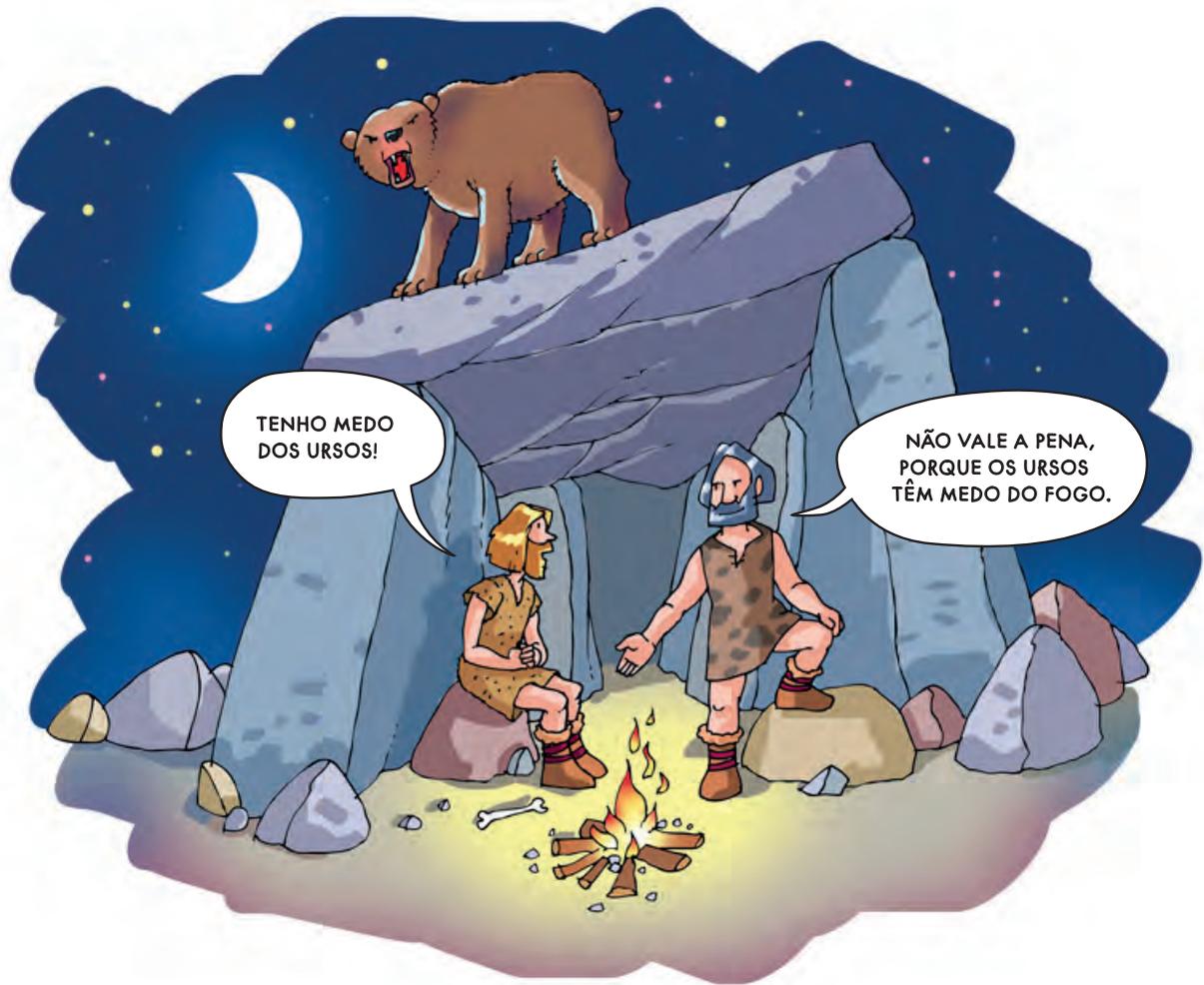
Os homens do tempo das cavernas já sabiam que a vida envolve riscos e procuravam proteger-se a si próprios e aos elementos do mesmo grupo. Alguns desses riscos eram evidentes.

Mas havia perigos que podiam ser uma completa surpresa tanto para os mais novos como para os mais velhos.



NÃO VÃO
PARA O MEIO
DOS MAMUTES!





TENHO MEDO
DOS URSOS!

NÃO VALE A PENA,
PORQUE OS URSOS
TÊM MEDO DO FOGO.

A experiência de vida permitiu que os vários grupos humanos fossem encontrando soluções para se protegerem.

No tempo das cavernas, os homens não viviam sempre no mesmo lugar, eram nómadas. Ora andar por montes e vales em busca de caça, envolve grandes perigos.



Claro que as deslocações eram mais seguras se as pessoas as fizessem em grupo.

A fome era um risco permanente. Grandes tempestades, inundações, nevões ou então grandes secas faziam desaparecer os frutos e raízes que os homens recolhiam para comer. E os animais morriam ou desapareciam, o que se traduzia numa verdadeira tragédia.

Terão sido experiências do género que levaram a armazenar alimentos e a mantê-los de reserva para os períodos de crise.

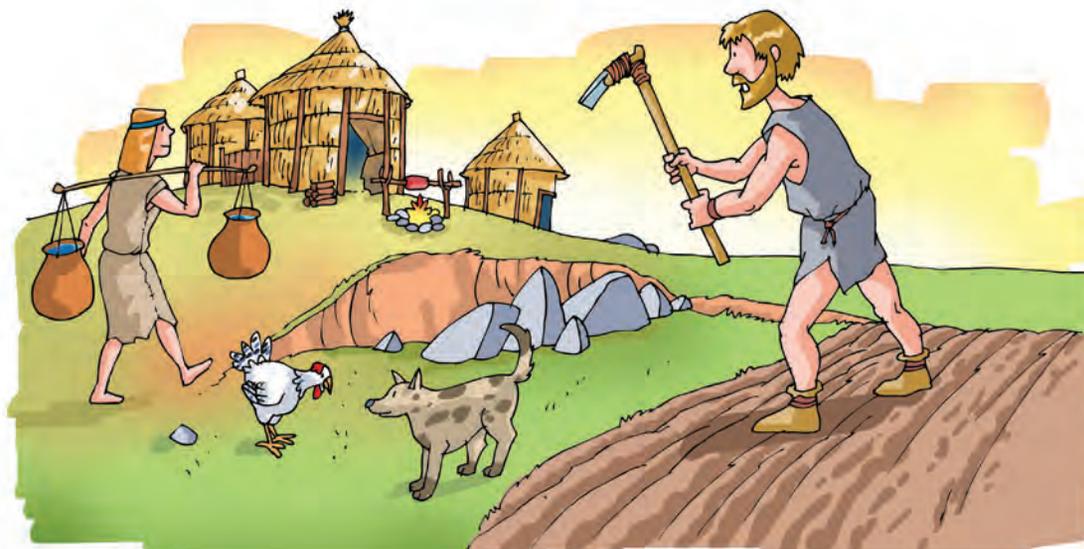


A DESCOBERTA DA AGRICULTURA PERÍODO NEOLÍTICO

A ENTREAJUDA

EXCELENTE FORMA DE PROTEÇÃO CONTRA RISCOS

Quando os homens descobriram a agricultura, a criação e a domesticação de animais, a vida modificou-se porque as famílias, os grupos, as tribos puderam instalar-se num determinado local e erguer o primeiro tipo de povoações. Ou seja, no período a que se dá o nome de neolítico, os homens tornaram-se sedentários.



A TROCA DIRETA



No período neolítico os homens começaram a produzir mais do que precisavam para o seu grupo – passou então a haver sobras, os excedentes, que podiam ser trocados por outros bens. Foi esse o primeiro tipo de comércio, que se fazia por troca direta pois o dinheiro ainda não tinha sido inventado. O comércio obrigou a pensar na melhor maneira de proteger pessoas e mercadorias, a inventar processos de entreatajuda.

A ANTIGUIDADE

A História começa com a invenção da escrita. Aos tempos mais recuados da História dá-se o nome de Antiguidade.

COMO SE PROTEGIAM DOS RISCOS OS GRANDES COMERCIANTES DA ANTIGUIDADE NA MESOPOTÂMIA

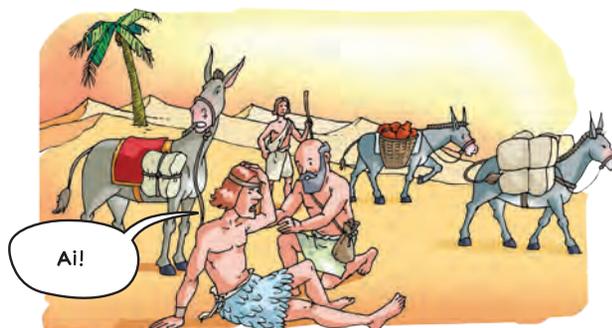


Os sumérios viviam numa zona chamada Mesopotâmia entre os grandes rios Tigre e Eufrates. Como habitavam uma zona muito fértil, conseguiam obter mais cereais do que precisavam para se alimentarem e podiam procurar povos vizinhos para trocar as sobras por produtos que lhes fizessem falta como por exemplo gado, loiças, etc.

A pouco e pouco os sumérios perceberam que valia a pena produzir ainda mais para futuras trocas e assim se tornaram grandes comerciantes da Antiguidade.

As viagens dos sumérios

Para viajarem por terra com mais segurança, os sumérios deslocavam-se em caravanas.



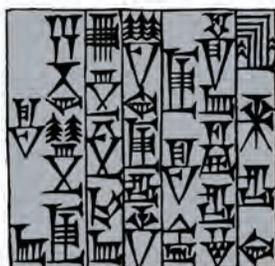
Nos rios ou no mar procuravam segurança organizando viagens em que participavam vários navios.



Deste modo, tanto em terra como no mar, em caso de acidente ou de ataque, podiam contar com o apoio direto dos companheiros.

O código de Hammurabi

Os povos da Mesopotâmia deixaram um dos mais antigos conjuntos de leis escritas. Mas se chegaram aos nossos dias foi por serem gravadas em pedra. A essa pedra, descoberta por arqueólogos, dá-se o nome de *Estela* e atualmente encontra-se no Museu do Louvre em Paris.



As 280 leis do código de Hammurabi destinavam-se a organizar a vida dos homens em sociedade.

Curiosidade

Hammurabi foi rei, viveu muitos séculos antes do nascimento de Cristo e dominou a região da Mesopotâmia. Tornou-se famoso por ter mandado reunir e gravar numa pedra as leis do seu reino. E deu provas de ser um homem inteligente, pois como dominava vários povos, mandou gravar as leis em três línguas diferentes, que usavam alfabetos diferentes.

Entre as leis de Hammurabi, algumas referem-se ao comércio e permitem saber quais as regras destinadas a cobrir os riscos.

A lei n.º 102 por exemplo diz que se um mercador confiar dinheiro a uma pessoa que organize negócios e os negócios correrem mal, essa pessoa é obrigada a devolver ao mercador a quantia que recebeu.

Mas a lei n.º 103 acrescenta que se a pessoa não tiver culpa da perda por ter sido roubado em viagem, ou por ter sofrido um acidente, fica dispensada de devolver o dinheiro.



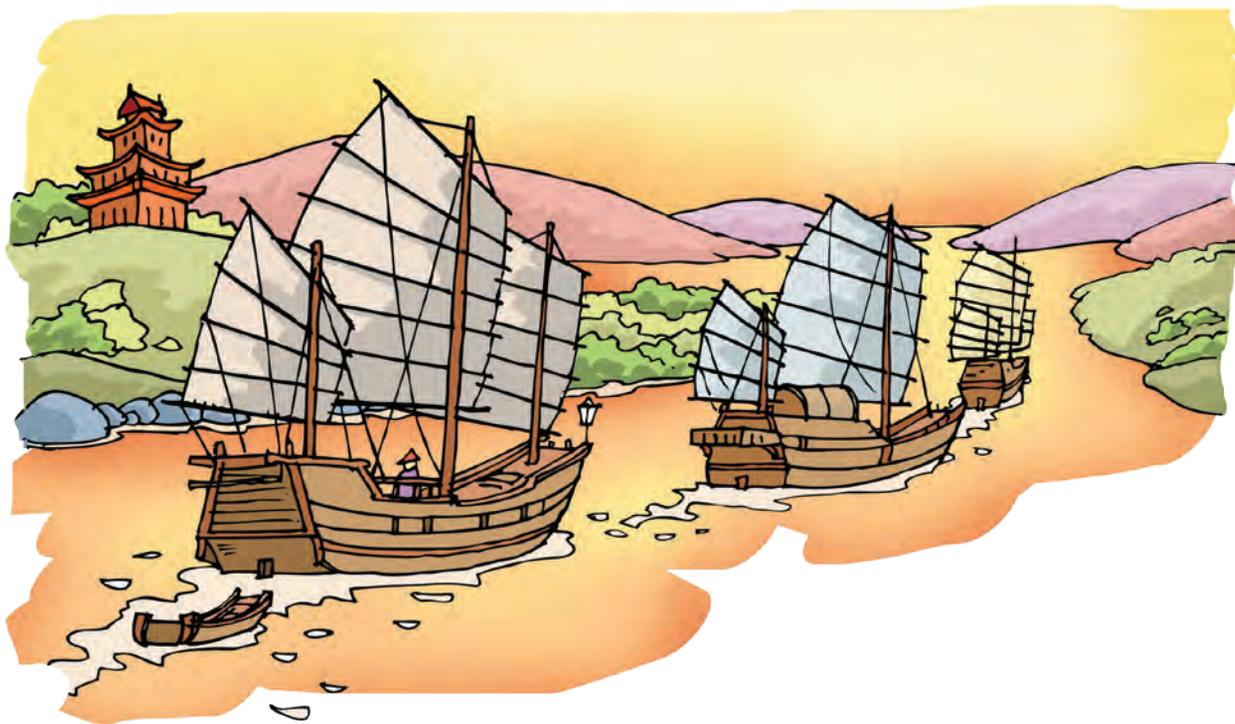
NA CHINA



Os chineses foram grandes navegadores desde a mais remota Antiguidade. E grandes comerciantes também.

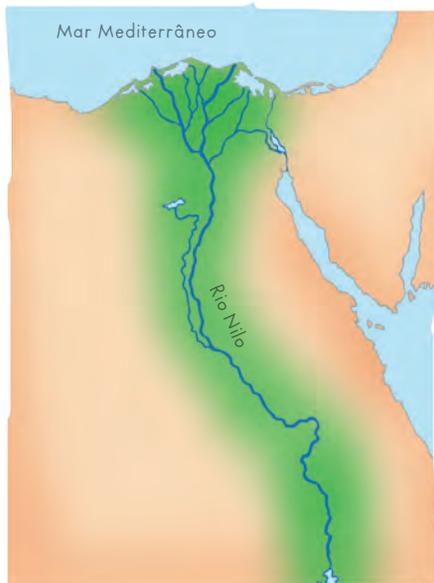


Os navios chineses – os juncos – usavam velas de esteira. Viajavam sempre em conjunto para se protegerem mutuamente em caso de ataque de piratas, de incêndios a bordo, de naufrágios.

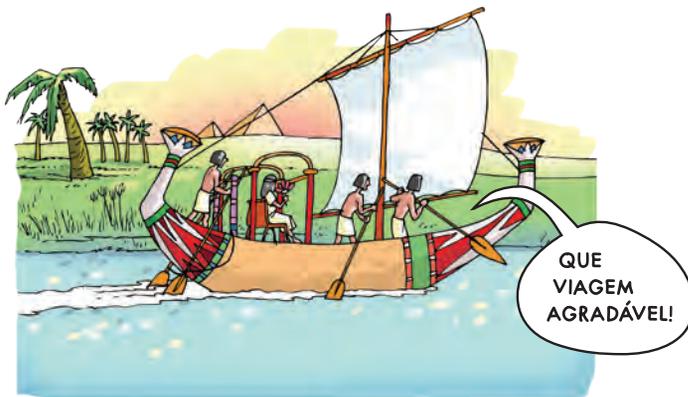


Os primeiros mercadores que se lembraram de dividir a carga por vários navios, como medida de precaução eram chineses. Tal como hoje se diz, tiveram o cuidado de não pôr os ovos todos no mesmo cesto.

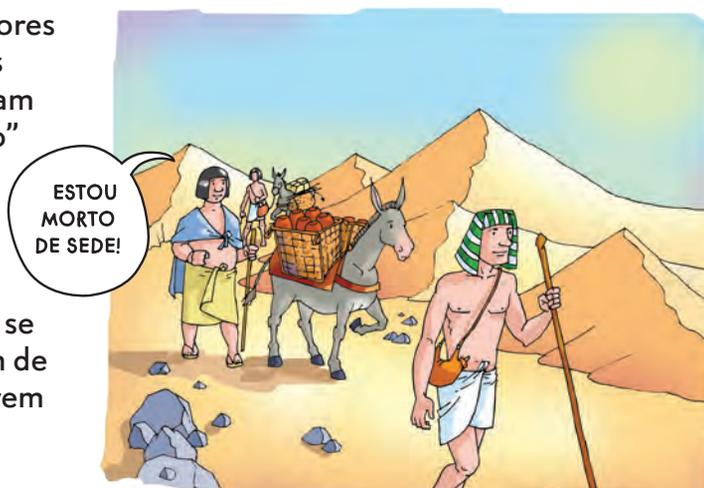
NO EGITO



No antigo Egito as mercadorias não circulavam só no Nilo, havia caravanas que atravessavam o deserto e essas viagens eram muito perigosas.



Para proteger os mercadores do deserto, os sacerdotes do deus Amon organizaram as “Confrarias do deserto” a quem encarregavam de marcar caminhos, de abrir poços ao longo dos percursos sobre a areia para os caravaneiros não se perderem nem morrerem de sede e até de os defenderem em caso de ataque.



As corporações egípcias Primeiras formas de mutualismo

No Antigo Egito surgiram as primeiras associações de trabalhadores organizadas por profissões.

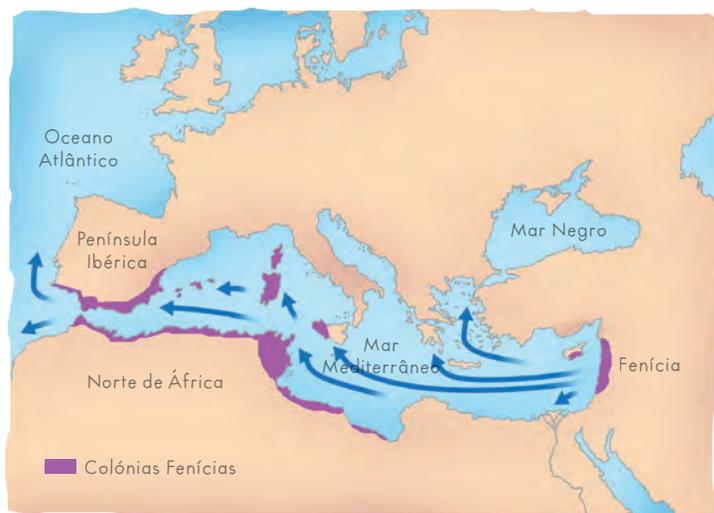


Os construtores de pirâmides uniram-se para se protegerem entre si.
Os fundidores e os ferreiros também criaram as suas associações.



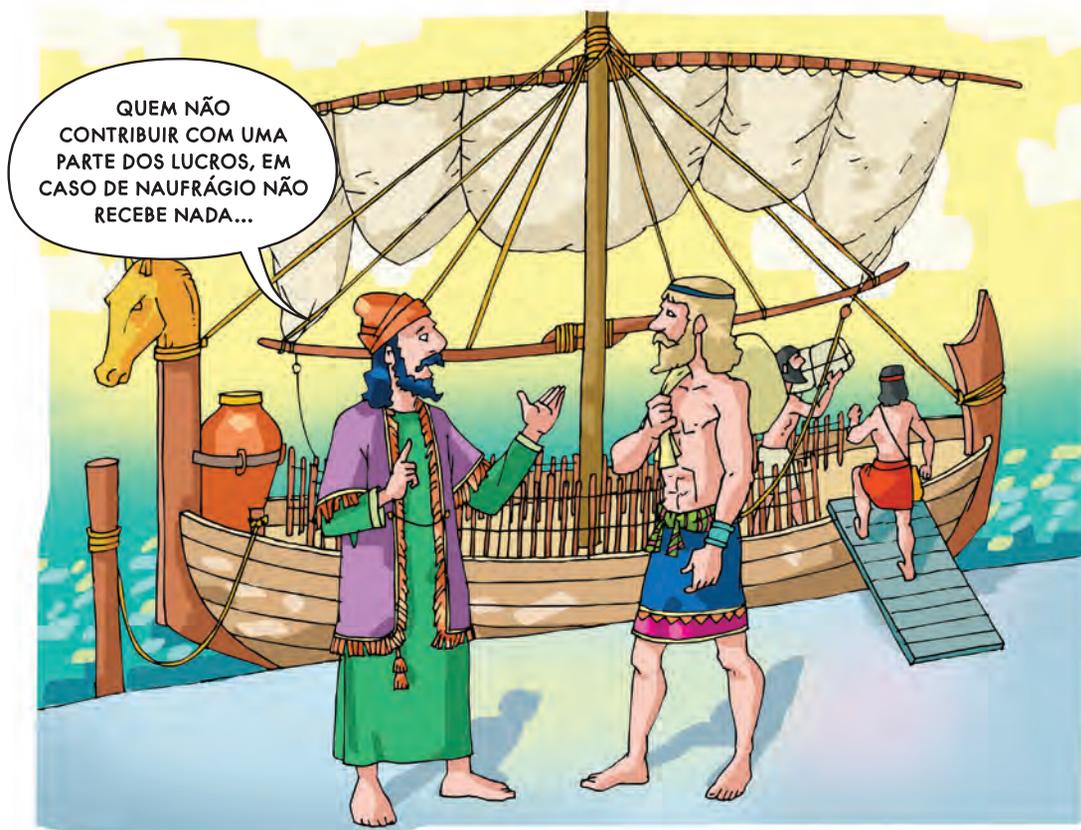
NA FENÍCIA

Os fenícios habitavam uma estreita faixa de terra no extremo oriental do mar Mediterrâneo.



O solo da Fenícia era pouco fértil, mas não faltavam grandes árvores que ofereciam madeira para a construção de navios. Estas condições naturais foram aproveitadas pelos fenícios da melhor maneira: tornaram-se navegadores e comerciantes. Circulando pelo mar Mediterrâneo trocavam os produtos que eles próprios fabricavam como por exemplo objetos de vidro e cerâmica por produtos que compravam e vendiam a outros povos.

Os fenícios serviam de intermediários entre os povos que habitavam as costas do Mediterrâneo. A partir de certa altura, passaram a instalar-se em determinados locais do seu percurso habitual, onde construía armazéns e algumas casas para apoiar a sua rede de comércio. A esses lugares dá-se o nome de colônias.



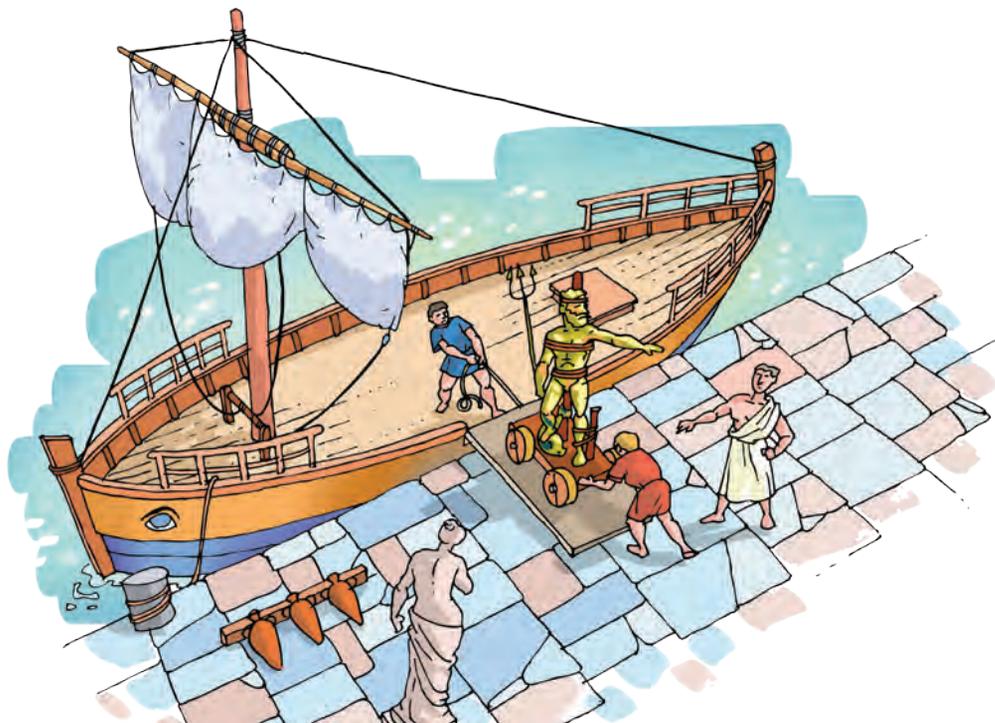
As viagens podiam correr bem ou mal porque no mar enfrentavam vários riscos, sobretudo naufrágios, ataques de piratas e de povos que também se dedicavam ao comércio e procuravam aniquilar os concorrentes.

Por volta do ano 1600 a.C. os fenícios decidiram passar a guardar uma parte dos lucros de cada viagem para compensar perdas de viagens que corressesem mal. Ou seja, organizaram-se para terem um fundo comum destinado a ajudar quem precisasse. Foi uma forma de mutualismo.

NA GRÉCIA



Os gregos da Antiguidade viviam em cidades independentes umas das outras, as cidades-estado. Rodeados de mar e dominando uma série de ilhas, dedicaram-se desde sempre à navegação e ao comércio. Tal como os fenícios, também fundaram colónias em várias zonas do Mediterrâneo.



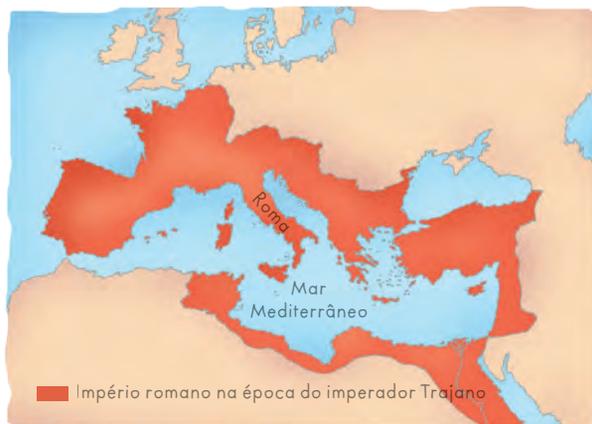
As riquezas que acumularam e os extraordinários talentos que possuíam permitiram que se distinguissem em todos os aspetos da vida humana e que se tornassem mestres em todas as artes.

Os gregos desenvolveram muito a entreatjada organizada por profissões. Os trabalhadores associavam-se entre si e pagavam uma cota para juntar dinheiro que só seria usado para apoiar os que se vissem em dificuldade.



Estas associações de socorros mútuos ou associações mutualistas ajudaram a criar um modelo eficaz para as comunidades unirem esforços e fazerem face aos riscos que prejudicassem os negócios.

EM ROMA



Os romanos conquistaram territórios tão extensos que formaram o maior Império da Antiguidade. Desenvolveram uma civilização avançadíssima e lançaram as bases de uma vida em sociedade que veio a dar origem ao tipo de organizações sociais que estiveram na origem das que hoje existem.



Os navios romanos circulavam por todo o Mediterrâneo e naturalmente corriam os riscos habituais, como naufrágios, incêndios, ataques de piratas e de concorrentes.



Os mercadores iam com frequência buscar cereais à ilha da Sicília, ao Egito e a outros lugares para os venderem na cidade de Roma. Se fossem atacados ou perdessem a mercadoria podiam ficar na miséria ou abandonar a profissão.

Os governantes quiseram protegê-los a fim de impedir que faltasse pão em Roma e passaram a compensar os mercadores que tivessem prejuízos. E assim, os riscos a que os mercadores estavam sujeitos foram transferidos para o Estado.



NÃO! JÁ FALAMOS DAS ASSOCIAÇÕES PROFISSIONAIS E HOUVE MUITAS OUTRAS FORMAS DE ENTREAJUDA E DE SOLIDARIEDADE.

MAS AFINAL NA ANTIGUIDADE AS PESSOAS SÓ SE PREOCUPAVAM COM A SEGURANÇA DOS VIAJANTES QUE FAZIAM COMÉRCIO?

MUITAS FORMAS DE ENTREAJUDA ENTRE OS POVOS DA ANTIGUIDADE

EM ISRAEL



Moisés entendeu que o povo de Israel tinha obrigação de contribuir com uma parte dos seus bens para dar apoio a pessoas desprotegidas, a mulheres viúvas, a crianças órfãs e a estrangeiros que se vissem em dificuldades. Com essa finalidade, determinou que de três em três anos uma parte da riqueza do povo de Israel ficasse de reserva para esse efeito, conforme está escrito na Bíblia.

EM ROMA

Em Roma, formaram-se vários tipos de associações destinadas a pessoas que tinham a mesma profissão, por exemplo: artesãos, militares, juízes, sacerdotes, etc. Umas surgiram por iniciativa do grupo, outras por iniciativa do Estado.



Acordos com o Estado

Entre os romanos, surgiu também um novo tipo de acordo entre o Estado e alguns cidadãos. Esse acordo consistia no seguinte:

- Os cidadãos que possuíam riqueza entregavam uma certa quantia ao Estado e o Estado comprometia-se a pagar-lhes um tanto por ano enquanto fossem vivos.
- O acordo podia beneficiar o Estado se o cidadão vivesse pouco tempo. Ou prejudicar o Estado e beneficiar o cidadão se tivesse uma longa vida.
- Este tipo de acordo foi um antecedente daquilo a que na época atual se chama renda vitalícia.



O TEMPO DOS CASTELOS IDADE MÉDIA



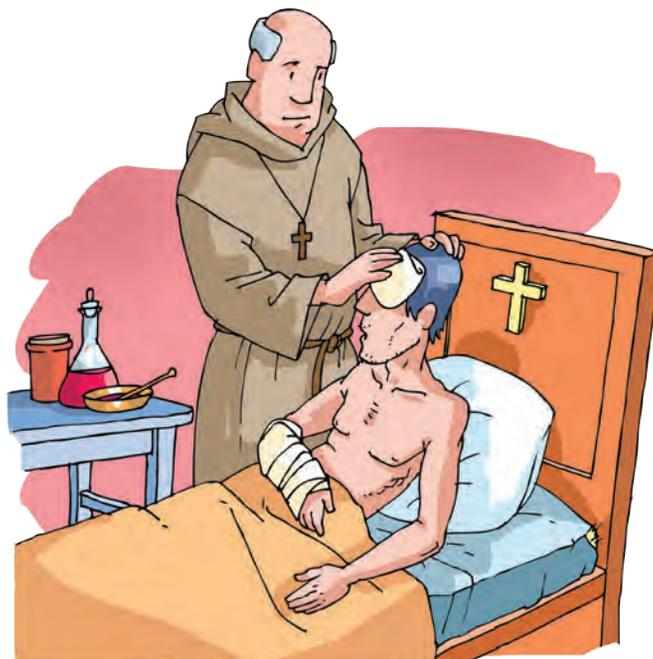
No tempo dos castelos, a que os historiadores chamam Idade Média, a vida na Europa mudou muito. O Império romano desagregou-se, e deu lugar ao aparecimento de vários reinos que lutavam constantemente entre si para alargar o território. Sendo a ameaça de guerra um risco permanente, tornava-se necessário tomar medidas para proteger as populações. Por isso se ergueram castelos com muralhas e vários tipos de torres, tendo o cuidado de preparar uma mais alta, mais forte e mais resistente que funcionasse como último refúgio – a torre de menagem.

Os reis não conseguiam garantir a proteção do seu povo em todo o território e procuravam resolver o problema entregando terras a nobres da sua confiança, na condição de tratarem eles da defesa dessas terras.



O CRISTIANISMO E AS ORDENS RELIGIOSAS

Foi no tempo dos castelos que o cristianismo se espalhou por toda a Europa. Surgiram então organizações que se dedicavam a ajudar os necessitados, conforme prescreviam os ideais cristãos. Algumas eram formadas por gente que decidira seguir vida religiosa – as ordens religiosas – que podiam ser masculinas ou femininas. Outras eram formadas por indivíduos que tinham diferentes profissões e atividades, mas não esqueciam os mais pobres e juntavam-se em irmandades ou fraternidades.



Entre as ordens religiosas masculinas, destacaram-se por exemplo a ordem de São Bento, a ordem dos Cartuxos, a ordem de Cister, a ordem de São Francisco, a ordem de São Domingos.

Entre as ordens religiosas femininas destacaram-se a ordem de Santa Clara, a ordem das Dominicanas, etc.

Os monges, frades e freiras que pertenciam a estas ordens, viviam em conjunto nos seus conventos e mosteiros e o rei também lhes dava terras na condição de as desenvolverem e protegerem as populações.

As ordens religiosas prestavam vários tipos de auxílio aos pobres: davam de comer, tratavam doentes, recolhiam órfãos, etc.



As irmandades e fraternidades prestavam o mesmo tipo de auxílio, mas eram os seus elementos que reuniam o dinheiro para o fazer. Em certos casos o rei ou os grandes senhores da nobreza também contribuía.

AS CONFRARIAS E OS SOCORROS MÚTUOS

A noção de risco, de necessidade de proteção bem como a consciência de que as dificuldades de cada um se resolvem melhor quando o grupo a que pertence se envolve e dá o seu contributo, foram sempre dando origem a novas organizações destinadas à entreajuda.

Na Idade Média surgiram por exemplo confrarias, sempre inspiradas na moral cristã mas aproveitando modelos criados por povos da Antiguidade como os gregos e os romanos.

Mas cada confraria tinha preocupações diferentes, regras próprias, maneiras específicas de funcionar.

EM FRANÇA

No século XI surgiu uma confraria num porto francês destinada a proteger os mercadores que ficassem sem as suas mercadorias, mas só o faziam no caso do mercador não ter culpa nenhuma. As regras impunham que viajassem sempre em grupo e que levassem armas. Se não cumprissem estas regras, ainda que perdessem tudo a confraria não lhes pagava nada.

NA FLANDRES

Na Flandres, pela mesma época, surgiu uma confraria destinada essencialmente a cobrir prejuízos em caso de incêndio ou a pagar resgates para libertar pessoas que fossem raptadas em viagem.

Foi também na Flandres que se organizaram confrarias destinadas a cobrir os prejuízos de pessoas que se dedicavam à criação de gado.

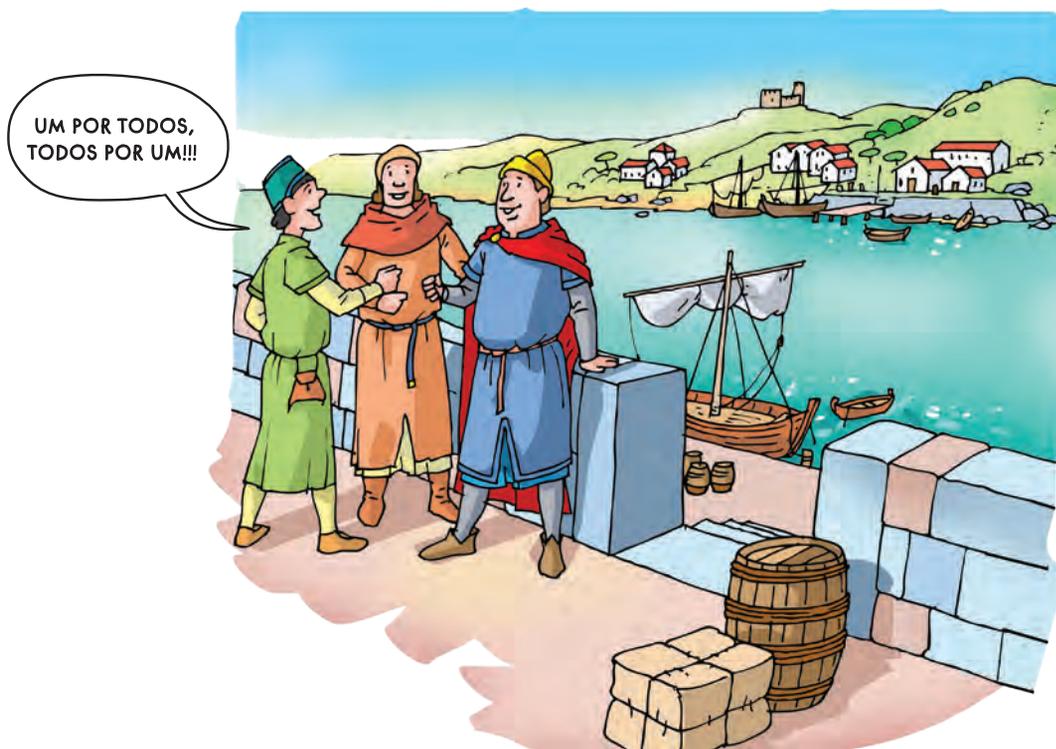


EM PORTUGAL

Em Portugal, o rei D. Dinis e a sua mulher, a rainha Santa Isabel, preocuparam-se com a segurança e a proteção das pessoas e tomaram medidas para valer a quem precisasse.

Em 1293, o rei confirmou a Bolsa dos Mercadores que tinha sido fundada por um grupo de proprietários de navios que viviam no Porto e se dedicavam ao comércio com o norte da Europa, sobretudo com a Flandres. Conforme tinham acordado, depositavam uma determinada quantia por viagem, num fundo comum. Parte desse fundo ficava em Portugal e outra parte ficava na Flandres. Em caso de naufrágio, ataque de piratas, rapto de pessoas ou outros prejuízos, o fundo compensava as perdas. Os donos dos navios maiores depositavam uma quantia mais elevada do que os donos dos navios pequenos.

A partir do momento em que o rei confirmou a existência da Bolsa, a contribuição para o fundo passou a ser obrigatória.



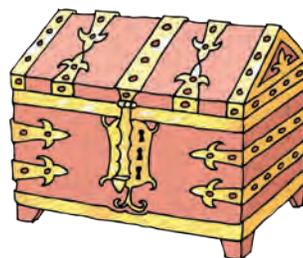
Em 1297, a rainha Santa Isabel apoiou a Confraria Leiga de Beja, iniciativa de homens do concelho que tinham posses e decidiram contribuir com donativos para um fundo destinado a socorrer qualquer deles em caso de doença, acidente ou morte. Em caso de morte o apoio era dado à viúva.

Quanto ao filho de D. Dinis e de Santa Isabel, D. Afonso IV, tomou a iniciativa de enviar dois mercadores a Inglaterra para propor um acordo ao rei Eduardo III: a coroa portuguesa tomaria sob sua proteção os comerciantes ingleses que fizessem negócios em Portugal. E a coroa inglesa tomaria sob sua proteção os mercadores portugueses que fizessem negócios em Inglaterra. A proposta foi aceite e assinou-se o tratado em 1353.

No ano 1380 o rei D. Fernando de Portugal criou a Companhia das Naus destinada aos navios que tivessem capacidade para transportar mais de 50 tonéis.

Os donos entregavam uma parte do lucro obtido em cada viagem, que ficava de reserva para substituir navios naufragados ou para pagar o arranjo de mastros, cascos, velas danificadas.

Lopo Martins e Gonçalo Peres Canelas ficaram encarregues de receber essas quotas e de as conservar numa arca com três fechaduras. Cada um deles guardava uma chave, a outra ficava entregue a um escrivão ou ao secretário que tomava nota dos nomes dos mercadores que tinham efetuado pagamento e registava a quantia entregue. A existência de três chaves destinava-se a impedir abusos e roubos pois só era possível abrir a arca na presença dos três chaveiros, a quem competia indemnizar as infelizes vítimas de naufrágios ou de acidentes.



UMA ASSOCIAÇÃO DE CIDADES: A LIGA HANSEÁTICA

No norte da Europa, no século XII, houve comerciantes navegadores que resolveram associar-se para terem mais segurança nos seus negócios e formaram guildas ou hansas que vieram a juntar-se na Liga dos Comerciantes do Báltico, com sede numa pequena ilha junto às costas da Suécia.

Tiveram tanto êxito, que cada vez apareciam mais comerciantes a querer aderir. A certa altura deixou mesmo de ser uma associação de indivíduos e passou a ser uma associação de cidades onde a principal atividade era o comércio. No ano 1350 tomou o nome de Liga Hanseática Teutónica, já reunia 77 cidades de vários países como a Suécia, a Polónia, a Prússia. A sede passou para a cidade de Lübeck, na Alemanha.



AS VANTAGENS DE PERTENCER À LIGA HANSEÁTICA



- Os navios protegiam-se mutuamente e lutavam contra a concorrência dos que não fossem sócios.
- Na compra e venda de produtos, davam preferência aos associados.
- Todas as cidades da Liga tiveram o cuidado de equiparem bem os seus portos, sem esquecer os armazéns para as mercadorias e residências para marinheiros e comerciantes que não tivessem onde ficar.
- Todos os associados respeitavam um regulamento feito para a navegação, para as trocas comerciais, para os pesos e medidas.
- Para facilitar as trocas, criaram uma moeda própria da Liga Hanseática: o *witten* de prata.

No ano 1353, mercadores portugueses estabeleceram relações comerciais com a Liga Hanseática.

OS MONTES

Os primeiros Montes criados com fins de solidariedade receberam este nome, segundo consta, porque de início eram montes de cereais acumulados pelos agricultores italianos que tinham tido boas colheitas e podiam dispensar uma parte. Esses montes eram guardados e serviam para ajudar os infelizes que tinham tido más colheitas.



Em Portugal também se organizaram associações deste tipo a que se dava o nome de Celeiros Comuns. O primeiro foi criado em Évora, no ano de 1576. Pouco depois surgiram outros em Grândola e em Beja. Os Celeiros Comuns foram a base dos seguros agrícolas portugueses.

OS MONTES DE PIEDADE OU MONTEPIOS

Em Itália grupos de comerciantes lembraram-se de adotar o costume de se associarem mas, em vez de juntarem montes de cereais, decidiram juntar montes de dinheiro e guardá-los em cofres para acudir aos sócios a quem a vida corresse mal. Os Montes de Piedade pagavam sempre as despesas do enterro aos seus associados, o que garantia uma cerimónia decente sem encargos para a família. O primeiro Monte de Piedade foi criado na cidade de Perugia, em Itália.

A pouco e pouco foram-se criando Montes de Piedade em muitos países. Em Portugal chamavam-se Montepios.



AS ASSOCIAÇÕES DE MERCADORES ITALIANOS

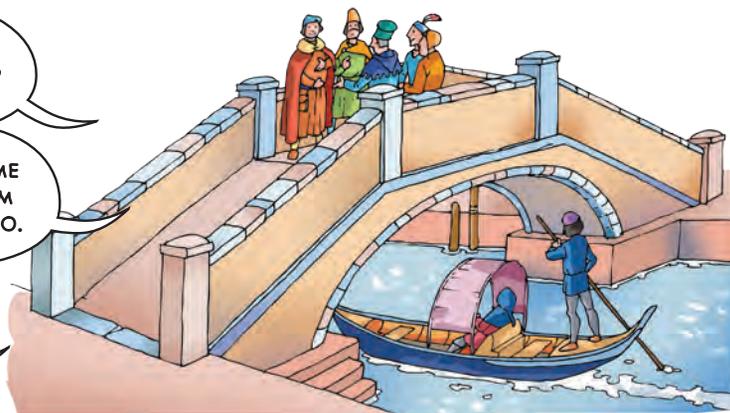
Na Idade Média continuaram a formar-se vários tipos de associações de mercadores destinadas a prever e atenuar os riscos que corriam nas viagens terrestres, mas sobretudo nas viagens marítimas porque os negociantes se deslocavam quase sempre por mar.

Estas associações envolviam acordos entre financiadores, proprietários de navios, mercadores e marinheiros que podiam ou não celebrar os contratos por escrito e convinham a todos os interessados, pois partilhavam os lucros, mas também partilhavam os riscos.

EU ENTRO COM DINHEIRO
PARA O NEGÓCIO, MAS DEPOIS
QUERO O MEU LUCRO.

EU ENCARREGO-ME
DE CONSTRUIR UM
NAVIO BEM SÓLIDO.

E NÓS
COMPROMETEMO-NOS
A COMPRAR E VENDER
A CARGA.



A PROTEÇÃO DOS NAVIOS DE PESCA

Na Idade Média já existiam leis para proteger os navios de pesca. Entre as várias medidas pensadas para diminuir prejuízos e socorrer as famílias dos pescadores desaparecidos, há referência a uma que diz claramente o seguinte: quando dois navios viajarem juntos, se um se perder, os sobreviventes do naufrágio e os herdeiros dos que morreram afogados têm direito a receber metade dos peixes obtidos pelo navio que regressar a terra sem novidade.

VENEZA, A RAINHA DOS MARES

Na República de Veneza, que na época anterior aos Descobrimentos dominava o comércio entre os países do Ocidente e do Oriente, a maior parte da população estava envolvida em atividades que dependiam do bom sucesso das viagens marítimas. Por isso as autoridades fizeram leis para regulamentar a construção de bons navios e garantir regras da navegação segura e de comércio vantajoso.



Os navios pertenciam a particulares, mas todos estavam sujeitos a um coordenador que defendia os interesses de Veneza e obrigava por exemplo a que fossem embarcadas mercadorias vindas do Oriente mesmo que não interessassem especialmente ao dono do navio. Deste modo se impediam os concorrentes de Veneza de fazer negócios com produtos orientais.

O SEGURO MARÍTIMO PRIMEIRA MODALIDADE DE SEGURO

QUEM FEZ O PRIMEIRO CONTRATO DE SEGURO

Na nossa época, quem faz um seguro assina um contrato que inclui datas, condições, preços, etc. Mas quem terá tido a ideia de que era necessário e conveniente fazer contratos por escrito? Não se sabe ao certo. Há quem diga que existiram em certas zonas desde a Antiguidade, mas sem documento não se pode provar.

Ao contrato de seguro escrito dá-se o nome de apólice. A mais antiga apólice que chegou aos nossos dias é de um seguro marítimo feito em Pisa no ano 1343. Dizia respeito ao transporte de dez fardos de lã que iam para a Sicília a bordo da galera *Santa Catalina*.



No século XIV e XV fizeram-se muitos outros seguros em Pisa, Génova, Veneza e Florença, cidades italianas que se dedicavam ao comércio marítimo.

Os primeiros contratos de seguro foram pois feitos em Itália e destinavam-se a cobrir prejuízos do comércio marítimo. Como se tornou claro que valia a pena, a pouco e pouco foram sendo adotados noutros países.

A mais antiga apólice de seguro marítimo da Península Ibérica foi assinada em 1378, na cidade de Barcelona.

Data de 1399 a primeira apólice respeitante ao transporte de mercadorias portuguesas, peles de animais, couros, que viajaram de Lisboa para Florença numa barca que pertencia a Fernando Sanches. Mas este contrato foi iniciativa de um mercador italiano. A partir de então, fizeram-se muitos outros, sempre registados em Itália, mas envolvendo portugueses e mercadorias portuguesas, incluindo o açúcar da ilha da Madeira.



Em França encontram-se algumas apólices do século XV. Depois, a prática de segurar navios e mercadorias estendeu-se aos países do norte da Europa, mas quase sempre com a participação de mercadores italianos.

A ÉPOCA DOS DESCOBRIMENTOS

Os primeiros navegadores portugueses, que no reinado de D. João I (início do século XV) partiram à descoberta de novas terras, navegaram ao serviço do infante D. Henrique. Os navios, os mantimentos, o salário dos capitães e dos marinheiros, tudo era pago com as riquezas da Ordem de Cristo a que o infante presidia. Se dessas viagens houvesse lucros, ficavam para a Ordem de Cristo.

Nesta época ainda não se pode pois falar de seguros marítimos feitos em Portugal. Despesa e receita, sucesso ou fracasso, tudo era da responsabilidade de uma só organização, a Ordem de Cristo.



Havia no entanto donos de navios que viviam no Algarve, sobretudo em Faro ou Tavira, que navegavam por sua conta, não para descobrir terras, mas para comerciar com cidades do Mediterrâneo ou do norte da Europa. Esses indivíduos organizaram associações mutualistas a que podiam pertencer todo o tipo de profissões ligadas ao mar: pescadores, construtores de navios, mercadores, marinheiros, etc. Os associados contribuía com uma parte dos lucros que obtinham na sua atividade. Em caso de doença, ou de prejuízo, recebiam apoio dessas associações a que se dava o nome de Compromissos Marítimos.

A partir do reinado de D. João II (1481) as iniciativas relacionadas com os Descobrimentos passaram a ser da coroa, que assumia todas as responsabilidades.

No reinado de D. Manuel I (1495–1521), o tráfico marítimo intensificou-se muito com a descoberta do caminho marítimo para a Índia e com a descoberta do Brasil.

A partir de então, as armadas organizadas pela coroa passaram a aceitar a participação de navios e cargas de particulares. Tornou-se indispensável fazer registos sobre o que pertencia à coroa e aos privados.

No século XVI existia em Lisboa uma organização destinada a registar as apólices de seguro que envolvessem comércio marítimo português. Chamava-se Casa dos Seguros e funcionava na Rua Nova dos Ferros, perto do Terreiro do Paço. Esta casa ainda existia no século XVIII, mas ficou totalmente destruída com o terramoto de 1755, perdendo-se todos os documentos que ali se encontravam. No entanto, como era muito importante para o comércio, depressa se reorganizou e três anos depois do terramoto já estava novamente a funcionar.



O PRIMEIRO TRATADO SOBRE SEGUROS

É engraçado saber que o primeiro tratado sobre o seguro marítimo foi obra do português Pedro de Santarém. Homem culto e especialista em leis desempenhou cargos importantes ao serviço do rei D. João III e foi encarregado de tratar de negócios entre Portugal e várias cidades italianas.

No ano 1552 escreveu o primeiro tratado sobre seguros que se conhece. Escreveu em latim e deu-lhe um título *Tractatus de Assecurationibus et Sponsionibus Mercatorum*, que significa Tratado dos Seguros e das Responsabilidades dos Mercadores.

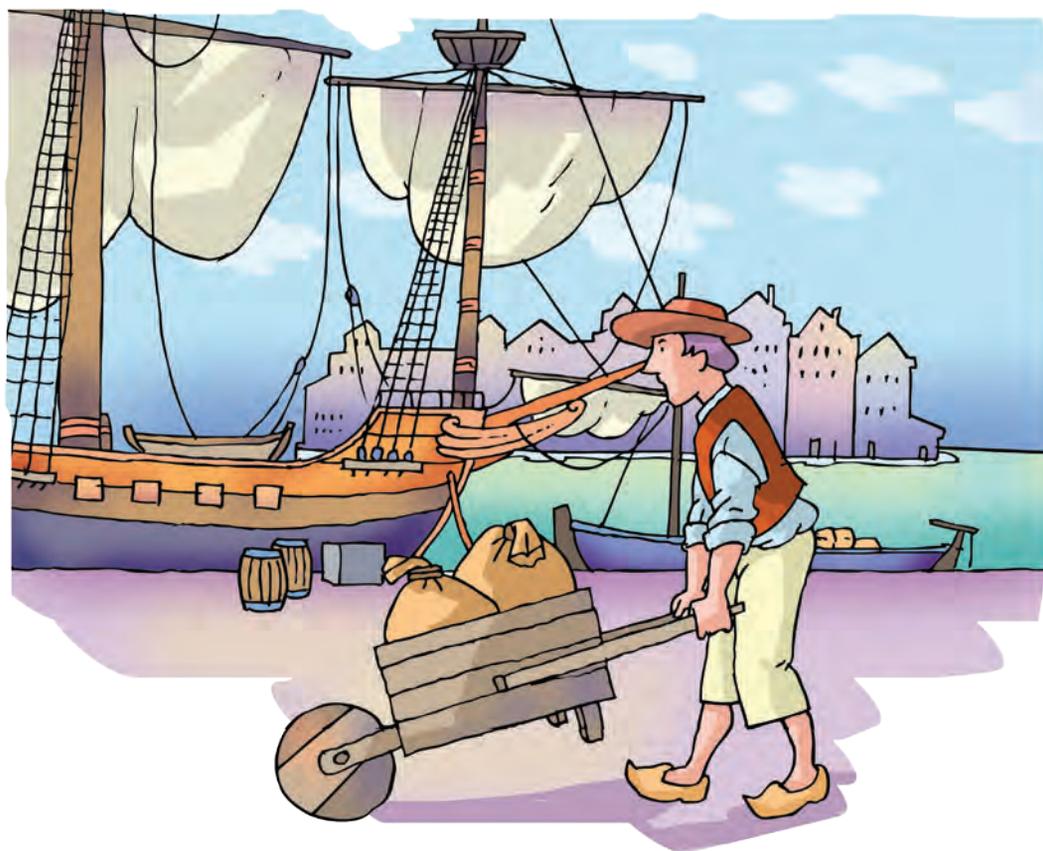
A obra foi traduzida para várias línguas e serviu de base aos seguros feitos em Portugal e em diversos países.

A definição de seguro elaborada por Pedro de Santarém mantém-se atual.

O seguro é uma convenção pela qual alguém, convencionado o preço do risco, toma sobre si o infortúnio do outro.

A cartoon illustration of a man with a beard and mustache, wearing a blue and purple ruffled shirt, sitting at a desk. He is holding a quill pen and looking at a document. On the desk are a stack of books, a lit candle in a holder, and an inkwell. A speech bubble above him contains the text: "CONVÉM REGISTAR TUDO POR ESCRITO PARA EVITAR CONFLITOS E CONFUSÕES."

CONVÉM REGISTAR TUDO
POR ESCRITO PARA EVITAR
CONFLITOS E CONFUSÕES.



No século XVII a Holanda, a Bélgica, a Inglaterra já tinham grandes armadas que navegavam nas rotas abertas pelos portugueses e faziam negócios com produtos do Oriente.

A Holanda criou em 1602 a Companhia das Índias Orientais que além de organizar as viagens e estabelecer as regras a que deviam obedecer as compras e vendas, assumia os prejuízos que pudessem advir de tempestades, naufrágios, ataques de piratas, incêndios a bordo. Mas o seguro era feito para uma viagem e só cobria os riscos que pudessem surgir nessa viagem. Não se tratava pois ainda daquilo que vieram a ser os seguros modernos.

SURGEM OUTROS TIPOS DE SEGUROS

A par dos seguros marítimos foram sendo realizados contratos de seguros com outras finalidades: seguros de vida, de saúde, de parto, de situações que envolvessem rapto ou sequestro. Para cada tipo, definiram-se regras próprias destinadas a tornar o contrato mais claro e mais vantajoso para os envolvidos.



O facto deste seguro se referir a um período de tempo tão curto leva a pensar que talvez a filha estivesse grávida e o pai receasse que morresse de parto.

AS MISERICÓRDIAS

Em Portugal, a rainha D. Leonor, mulher do rei D. João II, em 1498 fundou uma organização de solidariedade que tinha finalidades idênticas às dos seguros: socorrer quem precisasse de ajuda. Essa organização recebeu o nome de Misericórdias e obedecia a regras ou Compromissos. A primeira teve sede em Lisboa, com tanto sucesso que depressa surgiram outras por todo o país e em todos os continentes onde se instalavam portugueses.



As Misericórdias protegiam crianças órfãs, famílias pobres, pessoas sem abrigo, peregrinos, doentes, apoiando também os presos e acompanhando até os condenados à morte a quem davam enterro cristão.

As verbas das Misericórdias eram obtidas através de peditórios, donativos feitos por pessoas ricas, receitas obtidas em festas e romarias ou testamentos de pessoas que lhes deixavam os seus bens.

O SEGURO MODERNO SÉCULOS XVII E XVIII

TRÊS ACONTECIMENTOS DECISIVOS PARA A CRIAÇÃO DO SEGURO MODERNO

Os três acontecimentos que deram origem ao seguro moderno ocorreram em Londres e não têm qualquer relação entre si:

- O grande incêndio de Londres
- As reuniões de mercadores na Lloyd's Coffee House
- A elaboração da Tábua de Halley



O GRANDE INCÊNDIO DE LONDRES

Um pequeno descuido pode ter consequências trágicas. Foi o caso do incêndio que quase destruiu por completo a cidade de Londres. As chamas irromperam pela uma hora da manhã a 2 de setembro de 1666, numa padaria cujo dono se esqueceu de apagar o forno quando se foi deitar. Pouco depois as labaredas alastravam pelos telhados vizinhos e como muitas construções eram de madeira propagaram-se facilmente. Havia então poucos meios para combater incêndios, o fogo manteve-se incontrolável durante quatro dias e quatro noites. Quando por fim se extinguiu, a maioria dos bairros estava reduzido a cinzas. Apesar do cenário desolador, houve poucas mortes a lamentar porque a propagação foi lenta e as pessoas tiveram tempo de fugir.

A primeira empresa de seguros contra incêndios

A reconstrução da cidade de Londres foi pensada com cuidado para evitar que a tragédia se repetisse. Os arquitetos que se ocuparam do assunto, coordenados por Christopher Wren, tinham bom senso e bom gosto. Londres renasceu em beleza e com um traçado muito moderno para a época.

Curiosamente, quem percebeu que estavam reunidas as condições para convencer as pessoas a fazer seguros contra incêndios foi um médico chamado Nicholas Barbon. Concebeu as primeiras apólices contra incêndio e começou a fazer contratos com os interessados. Pouco depois surgiram organizações idênticas e de facto não tiveram dificuldade em arranjar clientes.

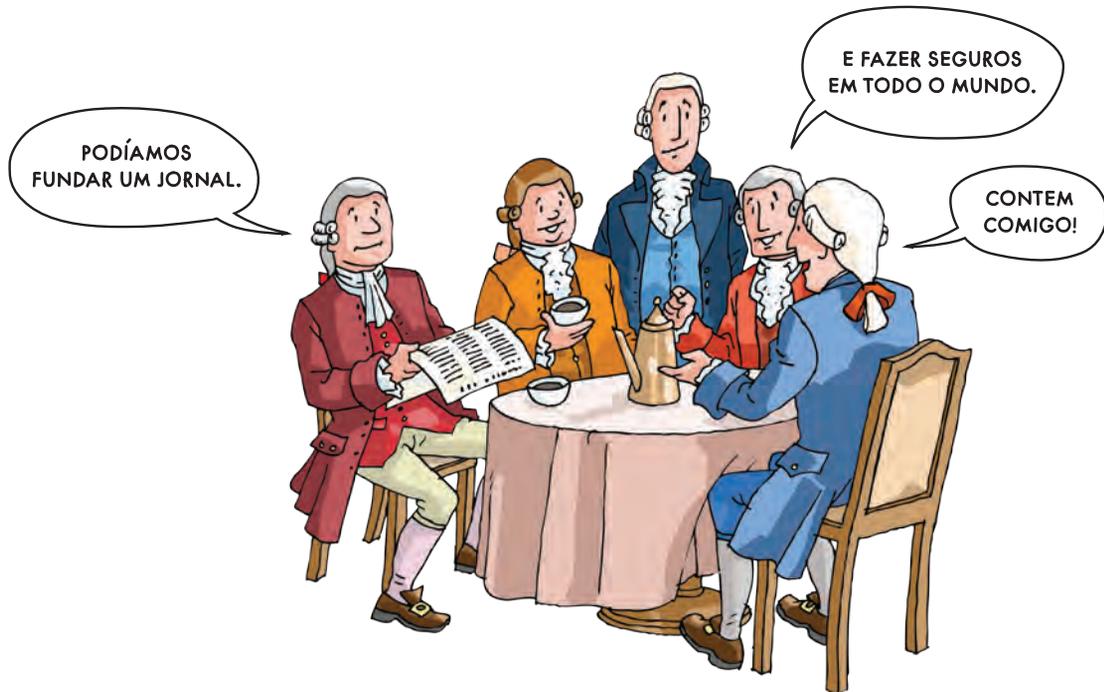
Na intenção de evitar o desembolso de grandes quantias para indenizações, essas empresas criaram corpos de bombeiros próprios, mas só entravam em ação para acudir aos seus clientes. Os bombeiros reconheciam as casas que tinham feito seguro contra incêndio nas empresas para que trabalhavam, devido a placas identificadoras que eram distribuídas e colocadas nas fachadas.

A LLOYD'S COFFEE HOUSE

Os mercadores ingleses que negociavam com o Oriente traziam variadíssimos tipos de produtos para a Europa. Um desses produtos, o café, muito apreciado por toda a gente passou a ser consumido em casa e nas *coffee houses* ou casas de café onde se reuniam sobretudo homens que ali discutiam novidades e tratavam dos seus negócios.

A primeira organização dedicada aos seguros

A Lloyd's Coffee House, fundada no fim do século XVII por Edward Lloyd veio a tornar-se uma das mais importantes por ser muito frequentada por mercadores, armadores de navios e comandantes. Este grupo reunia-se ali para trocar informações, combinar negócios e fazer seguros.



A certa altura decidiram fundar um jornal que veio a ter muitos leitores. E mais tarde fundaram a primeira organização totalmente dedicada a fazer seguros. Oferecia serviços a quem fizesse negócios de comércio marítimo em qualquer parte do mundo. O nome escolhido foi Corporation of Lloyd's para lembrar o café onde o grupo em tempos se reunia. Esta corporação, mais tarde, veio a contribuir para a criação da Bolsa de Londres.

A TÁBUA DE HALLEY

Edmund Halley foi um dos cientistas ingleses mais famosos do seu tempo. A ele se devem por exemplo as previsões sobre a passagem do cometa Halley. E devem-se também contributos em áreas tão variadas como a Matemática, a Geografia, a Física.

Um dos estudos que desenvolveu destinou-se a calcular a esperança média de vida das populações. Para isso realizou cálculos relacionados com o nascimento e a morte de inúmeros indivíduos e em 1693 apresentou uma Tábua de Mortalidade que, tal como o cometa, também passou à história com o seu nome – a Tábua de Halley.

A Tábua de Halley passou a ser usada pelas companhias que faziam seguros de vida, ou estabeleciam contratos de rendas vitalícias, para calcularem quanto deviam cobrar a cada cliente e quanto teriam de desembolsar para honrar os contratos feitos com o grupo a que aquele cliente pertencia, de modo a equilibrarem o negócio sem correrem o risco de ir à falência.

AS PRIMEIRAS COMPANHIAS DE SEGUROS EM PORTUGAL

A primeira empresa de seguros a funcionar em Portugal foi uma sucursal de uma companhia inglesa a Phoenix Assurance Company de Londres que se estabeleceu em Lisboa em 1787.

A primeira seguradora portuguesa foi fundada em Lisboa em 1791 e chamava-se Permanente de Seguros. Manteve-se em atividade durante sete anos. Depois surgiram outras, como por exemplo a Comércio de Lisboa, a Indemnizadora e a Nova Companhia Bom Conceito que veio a dar origem à Companhia de Seguros Bonança.



No Porto, as primeiras seguradoras foram: a Segurança de 1835; a Douro de 1846; a Garantia de 1853; a Equidade do mesmo ano.

UMA HISTÓRIA CURIOSA

UM SEGURO PARA A FACA DE MATO

D. Fernando, marido da rainha D. Maria II de Portugal, era um homem que muito apreciava as artes. Foi ele quem mandou construir o palácio da Pena, em Sintra. E reuniu obras de grande valor.

Entre as peças que encomendou, houve uma faca de mato em prata, com a particularidade de ser enfeitada por 130 figuras de animais, tais como javalis, cães, leões, tigres, panteras, veados, tudo feito com grande elegância por Raphael Zacharias da Costa.



A peça era realmente magnífica, mas era também muito cara e D. Fernando afinal não teve dinheiro para a pagar. O ourives decidiu então apresentá-la ao público, numa exposição que envolvia concurso e ganhou a medalha de ouro. Muitos jornalistas e críticos de arte, maravilhados, escreveram artigos elogiosos sobre a beleza da faca e tentaram impedir que saísse do país.

Só que em Portugal não apareceram compradores e o dono da ourivesaria, Estêvão de Sousa, decidiu enviá-la para uma exposição em Londres, na esperança de que alguém a comprasse. Como era um homem prudente fez seguro de transporte por mar, numa companhia de seguros portuguesa. E em boa hora o fez porque o navio *Cádiz*, onde viajava a peça, sofreu um terrível naufrágio junto à costa de França e levou para o fundo do mar passageiros e carga.

A companhia de seguros pagou imediatamente a indemnização de 700 000 libras a que o ourives tinha direito. Mas depois, resolveu enviar mergulhadores ao local do naufrágio para que tentassem recuperar a faca de caça que agora lhe pertencia e outras peças que também tinham seguro.

A operação de resgate era perigosíssima devido às tempestades frequentes naquela zona, em frente ao porto de Brest, por isso o governo francês proibiu os seus mergulhadores de participar. No entanto houve uma empresa inglesa que aceitou o trabalho e os mergulhadores foram bem sucedidos. Ao longo de seis semanas conseguiram recuperar muitas peças do porão e quando conseguiram entrar na cabine do comandante encontraram o cofre onde estava guardada a preciosa faca de caça.



Depois de limpa e restaurada em Inglaterra, onde foi considerada peça de valor incalculável, voltou para Lisboa.

Apesar do perigo, veio ainda a ser apresentada na Exposição Universal de Paris de 1878 e, no ano seguinte, na Exposição do Rio de Janeiro.

A maravilhosa faca de caça é um tesouro que pertence à companhia de seguros, que a guarda a sete chaves num cofre.

A REVOLUÇÃO INDUSTRIAL

No século XIX a história da vida da humanidade entrou numa nova fase devido à descoberta da máquina a vapor e da utilização do carvão como fonte de energia.

A existência de máquinas e de fábricas alterou profundamente a maneira de trabalhar e de produzir. Alterou também a distribuição das populações que se concentraram junto das fábricas dando origem a cidades cada vez maiores. A necessidade de matérias primas para a indústria e de carvão para fazer funcionar as máquinas intensificou a exploração das minas.



A revolução industrial alterou profundamente os transportes. Surgiram os navios a vapor, muito mais rápidos e que não dependiam do vento para chegar ao seu destino, e comboios, que a uma velocidade antes inimaginável, deslocavam toneladas de carga e milhares de passageiros entre povoações próximas ou distantes.

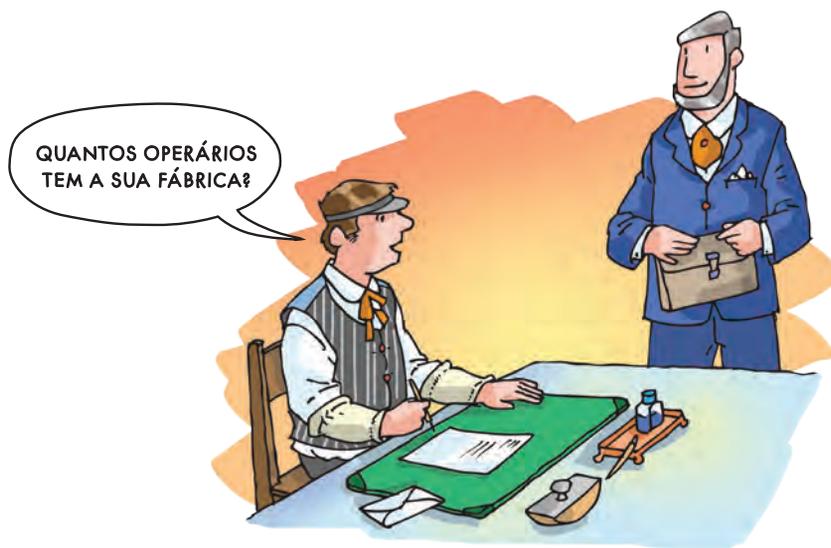
O trabalho com máquinas, nas fábricas, nas minas e nos novos meios de transporte, aumentou muito o risco de acidentes e veio mais tarde a dar origem ao seguro de acidentes de trabalho.

Portugal foi um dos primeiros países a criar um seguro de acidentes de trabalho, em 1913.

A REVOLUÇÃO INDUSTRIAL E O SEGURO MODERNO

Neste período os riscos da perda aumentaram muito, pois a cada passo podiam arder fábricas, aluir minas, afundar navios, descarrilar comboios, com grande perda de vidas e de riquezas.

Naturalmente os seguros expandiram-se porque convinham a quem pagava para ter quem lhe valesse em caso de azar e convinha às seguradoras que quanto mais clientes tivessem mais lucros obtinham.



Assim se foram multiplicando as companhias de seguros que procuraram aperfeiçoar os contratos para os diferentes tipos de riscos, a fim de atrair clientela.

Na nossa época, além das companhias de seguros criaram-se nos vários países associações que as representam. A Associação Portuguesa de Seguradores foi criada em 1982.

O SEGURO NO SÉCULO XXI

MUITOS TIPOS DE SEGUROS

Atualmente, há muitos tipos de seguros. Alguns destinam-se a particulares, outros a empresas. Os que se destinam a particulares são essencialmente para proteger pessoas, bens, animais e poupanças.

Exemplos de seguros para proteger pessoas:

- Acidentes pessoais
- Acidentes de trabalho
- Caçadores
- Educação
- Empregada doméstica
- Responsabilidade civil familiar
- Saúde
- Viagem
- Vida



Exemplos de seguros para proteger bens:

- Automóvel
- Moto
- Casa
- Obras de arte em viagem
- Roubo



Exemplos de seguros para proteger animais:

- Responsabilidade civil animal
- Saúde de animais domésticos



Quem tem carro é obrigado por lei a fazer um seguro. Há pessoas que fazem seguros de saúde para si próprios e para a família. Também há quem tenha o cuidado de fazer seguro contra roubo e contra incêndio da sua casa. E o mesmo se passa com as empresas. Algumas fazem seguros de saúde para o pessoal, ou contra roubo e incêndio do edifício onde funcionam, para proteger navios que têm no mar, etc.

Fazer um seguro é a maneira mais eficaz das pessoas e das empresas se protegerem contra riscos que podem vir a sofrer no futuro.

Mas afinal em que consiste exatamente o seguro moderno?

Na nossa época já é possível responder a esta pergunta com total clareza: um seguro é um contrato entre quem? Entre o segurado e a companhia de seguros. O segurado pode ser uma pessoa singular ou uma empresa.

A companhia de seguros é uma organização que tem como missão indemnizar o segurado ou prestar-lhe assistência de acordo com o que estiver escrito no contrato, a apólice.



Na apólice tem de estar escrito:

- O que é que o contrato protege, por exemplo só a casa ou a casa e todo o recheio.
- Que riscos cobre, por exemplo incêndio, ou incêndio e tremor de terra, ou incêndio, roubo e tremor de terra, etc.
- Qual a quantia que a companhia de seguros tem de pagar ao segurado no caso do risco se concretizar e ele ter direito à indemnização combinada.
- Qual a quantia que o segurado tem de pagar para a apólice ser assinada e se tornar um compromisso entre as duas partes.
- A data do início e do fim do contrato e as condições de renovação.

VANTAGENS DE TER SEGURO

Quando alguém faz um seguro e paga a quantia prevista na apólice (a essa quantia dá-se o nome de prêmio), se não lhe acontecer nada perde o que pagou. Mas se acontecer recebe muito mais do que aquilo que pagou. É o caso, por exemplo, do seguro contra incêndio. Se a casa nunca arder, o pagamento foi só uma precaução. Se arder, recebe do seguro uma quantia que lhe permite enfrentar a despesa de reconstrução da casa. Essa quantia pode corresponder ou não à totalidade do prejuízo e depende do valor e das condições do contrato, mas em geral é sempre muito mais do que a pessoa pagou à companhia de seguros.

Claro que a companhia de seguros só pode cobrir os prejuízos do incêndio entregando ao dono muito mais do que ele lhe pagou, se tiver muitos outros clientes que fizeram seguros idênticos e não precisaram de indenização.

Basta pensar um pouco para perceber que a existência de seguros é um benefício para a sociedade e a melhor forma de organizar a proteção contra os riscos, mas só existe quando muitas pessoas contribuem para que quem precisa de apoio o possa receber.

VIVER COM MAIOR SEGURANÇA

As companhias de seguros incluem sempre nos contratos, as apólices, regras claras para que as pessoas tomem precauções e não corram riscos que podiam ter evitado.

Por exemplo, quem faz um seguro contra incêndio, pode celebrar um contrato onde está escrito que se compromete a ter um ou mais extintores em casa, conforme o tamanho da casa. Assim, se por azar deflagrarem chamas e estiver alguém em casa, usa o extintor e evita o pior. E isso convém ao próprio, que não fica com tudo destruído, e convém igualmente à companhia de seguros que pagará menos indenização.

VÁRIOS TIPOS DE SEGURO

SEGURO DE ACIDENTES PESSOAIS

Qualquer pessoa, em qualquer momento, pode ter um acidente. Um seguro contra acidentes pessoais é a melhor forma de fazer frente às despesas a que esse acidente obrigue.

Este tipo de seguro tem particularidades muito convenientes: cobre muitos dos riscos de acidentes que possam acontecer ao segurado durante as 24 horas do dia, mesmo que este se desloque ao estrangeiro.



Ora sendo assim, se a pessoa partir uma perna em viagem, contacta a companhia de seguros que logo lhe aconselha a melhor maneira de receber tratamento e contribui com uma quantia para pagar esse tratamento, a estadia no hospital e a viagem de regresso a casa.



SEGURO DE RESPONSABILIDADE CIVIL FAMILIAR

Há crianças muito agitadas, mas mesmo as que são calmas podem causar prejuízos sem querer: partir vidros dos vizinhos por estarem a jogar à bola num relvado em frente da casa, partir loiça numa loja por se terem desequilibrado, ferir uma pessoa de idade por terem perdido o controle da bicicleta. Nestes e noutros casos semelhantes, que alívio para as famílias que fizeram este tipo de seguro.



SEGURO DE SAÚDE

As pessoas, por mais saudáveis que sejam, podem precisar de cuidados médicos a qualquer momento. Às vezes limitam-se a uma consulta, outras torna-se necessário fazer análises, radiografias e outros exames do género. Em certos casos são indispensáveis tratamentos caros ou uma operação e internamento.

O seguro de saúde destina-se precisamente a ajudar as pessoas a pagar essas despesas. Há vários tipos de apólices, uns incluem mais tratamentos e são mais caros, outros menos tratamentos e são mais baratos. Cabe à pessoa escolher o que melhor lhe convém.



SEGURO MULTIRRISCOS

Os seguros multirriscos, como o nome indica, cobrem vários tipos de riscos que as casas podem sofrer: incêndios, roubos, inundações, curto-circuitos e outros como por exemplo ficar sem telhado por causa de uma tempestade que levou as telhas ou que derrubou uma árvore grossa que havia mesmo ao lado. E ainda, atos de vandalismo como vidros partidos por malfeitores, arrombamento de portas, etc.



Neste caso também há seguros mais caros e mais baratos conforme os riscos que cobrirem. E a pessoa escolhe o que lhe convém. Se quiser incluir o recheio da casa, é necessário avaliar os móveis e tudo o mais que lá estiver dentro, para acertar o valor do prémio – ou seja, aquilo que o segurado vai pagar por ano. E o valor da indemnização, ou seja o que a companhia de seguros terá que lhe dar se ocorrer um dos riscos incluído no contrato.



SEGURO AUTOMÓVEL E DE ASSISTÊNCIA EM VIAGEM

Quem tem carro é obrigado a fazer um seguro de responsabilidade civil para pagar prejuízos que possa causar a outras pessoas, incluindo os passageiros que transportar, o que vulgarmente se chama seguro contra terceiros. Isto quer dizer que se bater noutro carro, o seguro paga o prejuízo desse outro carro e dos danos causados aos seus ocupantes. No entanto, este seguro não protege nem o carro, nem o condutor responsável pelo acidente. Por isso é muito aconselhável que quem

tem carro faça aquilo a que vulgarmente se chama seguro contra todos os riscos, ou seja um seguro que inclua danos sofridos pelo próprio, porque então, em caso de acidente, a companhia de seguros pagará também uma boa parte das despesas do arranjo do carro do segurado.

Estes contratos de seguro automóvel têm variantes. Podem ainda incluir:

- O direito a um carro de substituição enquanto o do segurado estiver a ser arranjado.
- A proteção do condutor responsável pelo acidente.
- Assistência em viagem.
- Indemnização se o carro for roubado, se sofrer efeitos de catástrofes naturais ou se for danificado por atos de vandalismo.

O preço do seguro diminui ou aumenta conforme as variantes incluídas no contrato.





AGRADECIMENTOS

Para escrever este livro contámos com a preciosa ajuda do Dr. Ruy de Carvalho que generosamente nos disponibilizou o seu vasto trabalho de investigação sobre a história dos seguros, nos esclareceu todas dúvidas que foram surgindo e se dispôs a rever o manuscrito.

